

AMARO QUINTAS E A HISTORIOGRAFIA PERNAMBUCANA: DELINEAMENTO E EVOCAÇÃO

NELSON SALDANHA

Creio não dizer nenhuma novidade ao afirmar que a cada revisão, feita em ocasiões sucessivas, muda-se o aspecto das figuras intelectuais. Um escritor, para seus contemporâneos, apresenta uma imagem bastante distinta daquela que dele terão os que o estudarem trinta anos depois. Alargaria a afirmação, aludindo ao fato de que os homens são os mesmos e entretanto são outros, conforme passem sobre eles as mudanças de olhar e de intenção dos pósteros: sobre eles e sobre suas obras, claro.

E com isto inclino-me para um tema ao qual sempre retorno, o das gerações: no momento apenas menciono o delineamento do tema justamente nos inícios do século vinte, sobretudo a partir da obra de Pinder sobre história da arte, e das reflexões de Karl Mannheim e Ortega y Gasset. Um tema aparentemente simples, o das gerações, e contudo cheio de ângulos e de riqueza, inclusive com a distinção, feita por Ortega, entre coetaneidade e contemporaneidade. Lembraria que Dilthey, que tanto marcou o autor de *El tema de nuestro tempo*, também escreveu sobre gerações: seus principais tópicos a respeito se acham citados no informativo livro de Julián Marías, *Generaciones y constelaciones*.

Ao aludir a gerações e à utilidade do conceito — não propriamente de um “método” — de geração para a história intelectual, refiro-me aos contextos históricos em sentido abrangente e existencial: não creio no pleno entendimento dos nomes e das obras sem sua conexão com formas de vida e com valores sociais.

Amaro Quintas viveu no Recife entre 1911 e 1998: uma época exemplarmente rica de problemas e de tensões. Um tempo permeado de apelos ideológicos, de conflitos e de mudanças, com o Ocidente em declínio — queiram-no ou não certos intérpretes —, com o pensamento social partido em duas incli-

nações opostas, “esquerda” e “direita”, a contar da Revolução Russa de 1917 e da ascensão do fascismo na década de 20. Viveu a ambiência da *belle-époque* e a estética do *art nouveau*, com o expressionismo emergente e com o parnassianismo tardio: no Brasil tudo isto ressoou, e no Recife obviamente também — eis que eram décadas em que a cidade ainda ocupava um posto de destaque, e em que Pernambuco não entrara na melancólica mesmice em que hoje se acha.

Com isto recordo o Quintas elegante, mas também recordo o grande devorador de livros (permitam-me a imagem cediça), sobretudo franceses: era um tempo, e de novo estou como *laudator temporis acti*, em que os intelectuais procuravam ajustar-se a uma imagem aristocrática do ser humano, e em que ler autores estrangeiros não era considerado uma desatenção para com a “cultura popular”. A imagem aristocrática do homem não tinha nada a ver com ser ou não democrata; cultivar a erudição não tinha relação com “conservadorismo”, como muitos hoje pensam.

Mas convém mencionar a historiografia pernambucana: são, realmente, muito numerosos os livros produzidos no Estado desde o século XVIII sobre história local, desde os ingênuos registros iniciais e os depoimentos de viajantes, e as “memórias” meticulosas e enfadonhas, até as pesquisas mais “modernas” da transição para o século vinte, como as de Pereira da Costa. Nos incílios desse século surgem os estudos sérios mas incompletos de Alfredo de Carvalho e os livros exemplares e empertigados de Oliveira Lima.

Aos poucos, sobretudo com a década de trinta, penetram na historiografia pernambucana as preocupações antropológicas e sociológicas, antecipadas por Sílvio Romero desde finais do oitocentos. Não se poderia deixar de citar a obra de Gilberto Freyre no que concerne àquelas preocupações, obra por sinal iniciada ainda na década vinte, com seu duradouro interesse pela história social, pelo levantamento documental, mas também doutrinário do passado e dos passados.

Nem escondeu jamais o professor Quintas estas dívidas para com o autor de *Sobrados e Mucambos*, do mesmo modo como não ocultou seu entusiasmo por certos autores europeus. Era aliás de seu temperamento falar de suas admirações bibliográficas, de suas simpatias e antipatias literárias. Fui testemunha, várias vezes, daquele entusiasmo e daquelas admirações.

Conheci Amaro Quintas na antiga Escola Normal, posteriormente chamada Instituto de Educação. No final da década de cinquenta, comecei meu trabalho de professor como assistente de História Geral, com Estevão Pinto, e de História do Brasil com Amaro Quintas. Era um belo grupo de professores, os que lecionavam na Escola, em curso secundário, mas possuindo um nível

cultural de mestres universitários. Alguns aliás ensinavam já na recém-criada Universidade, o professor Quintas, inclusive. Convivi também com o historiador da *Praieira* em sua casa à Rua Neto de Mendonça, mantendo com ele uma conversa que a cada visita continuava.

Chamei-o de “historiador da Praieira”, e aí está a referência bibliográfica mais relevante: seu livro sobre a *Revolução Praieira*, escrito em 1952, permaneceu como porção principal de sua obra, não obstante a importância do vibrante e modelar estudo sobre a Revolução de 1817, produzido em 1939 como tese de concurso. Na verdade, os dois trabalhos se complementam, dado que o interesse de Amaro Quintas pela história pernambucana — como pela do Brasil — tinha um sentido genérico: as pesquisas referentes à Revolução de 1817 e as alusivas à Praieira incidiam sobre um mesmo mundo histórico-social, o de Pernambuco do meado do século dezenove, ainda feudal e entretanto abrigo de uma elite (isto mesmo, uma elite) com leituras européias bastante atualizadas. Uma elite que se identificava com os problemas sociais discutidos na Europa, particularmente na França, e que se preocupava com os destinos econômicos e políticos da província em termos aprendidos em Saint-Simon, em Proudhon, em Considérant e outros.

Em Amaro Quintas convergiram de forma realmente notável a ocupação fundamental de historiador (e de professor de história) e o interesse pela sociologia e pela ciência política. Conhecia eficientemente os clássicos, bem como os autores de um período não distante de sua geração: refiro-me aos sociólogos da transição para o século vinte, um período extremamente fecundo. Conhecia inclusive autores que não ficaram entre os “maiores”, mas que marcaram alguns momentos relevantes, no caso Paul Bureau, René Worms e outros. Em suma, cultivava o conhecimento de autores hoje ignorados por muitos que supõem ser vantajoso reduzir-se ao convívio dos textos mais recentes.

Falei acima de sua predileção pelos franceses, e isto vale de pronto um comentário: a geração de Quintas, que viveu a casa dos vinte anos no tenso pré-guerra que foi também pré-nazismo, teve notícia da Revolução Russa ainda na infância, e acompanhou a diluição dos últimos esplendores de um mundo brilhante. Mas acompanhou também episódios como a recuperação da França, que sacudiu de si em 1945 a ocupação hitleriana, e que começou, na década de 50, a ver o seu predomínio cultural perder espaço para o norte-americano, um processo de empobrecimento que terminou na globalização e no neo liberalismo.

Mas, retomando às predileções, o professor Amaro Quintas nunca se afastou de sua afeição pela obra de Marc Bloch, em especial o livro *Apologie*

pour l'histoire, ou *Métier d'historien*, publicado em 1952 nos "Cahiers des Annales". Também Louis Halphen estava entre seus historiadores preferidos, como estavam, para manter a alusão aos franceses, pensadores e poetas como Maritain e Péguy, e Proust e Valéry.

Quintas teria sido talvez um *slow worker*, sem pressas nem afogadilhos, trabalhando os seus escritos com probidade e paciência — dentro de um modo pessoal que era o mesmo de sua condição de professor. Seus trabalhos, como ficou dito acima, eram interligados por um interesse abrangente, o do historiador *social* que buscava um entendimento integral dos processos. Assim o estudo sobre a Praieira se relacionava ao tema enfocado no livro sobre 1817, e dele, por sua vez, foi desdobrado o breve e decisivo ensaio sobre "O Progresso", a revista publicada por Antônio Pedro de Figueiredo no Recife entre 1846 e 1848. O mesmo se diga de seu interesse pelo padre Lopes Gama, cujo *O Carapuceiro* Amaro Quintas publicou uma excelente antologia com excelentes comentários (*O Padre Lopes Gama, um analista político do século passado*). Acentue-se, a propósito dos trabalhos que deixou, que Quintas foi um dos primeiros a compreender e aproveitar a sugestão feita por Gilberto Freyre no sentido da utilização historiográfica da imprensa, inclusive com a consulta aos anúncios de jornais da época estudada.

Apesar de seu cuidado (ou escrúpulo) no sentido de não transformar a tarefa de historiador em análise sociológica ou em divagação filosófica, Amaro Quintas Jamais se cingiu ao puro relato cronológico; jamais reduziu a missão do historiador à prosaica coleta de dados. Não tinha a volúpia do detalhismo. Movia-o, ao tratar de seus temas, uma forte empatia, que o arrastava, por dentro dos documentos que citava, e do próprio texto que escrevia, para uma narrativa convincente e viva. Assim, no livro sobre a *Praieira*, as referências à Revolução de 1848 na França (um movimento terrivelmente violento) e ao *esprit quarante-huitard*, que certos autores encontram, pulsantes e luzentes, no acontecimento francês e que o historiador pernambucano atribui também ao episódio da *Praia*.

Diria que a abertura de Amaro Quintas, basicamente historiador, para a literatura e as ciências sociais em geral, teve relação com o ideal intelectual próprio do Ocidente de pelo menos até algum tempo atrás: recordo aqui a frase de Ortega segundo a qual o homem culto é aquele que se encontra *a la altura de su tiempo*. Estar à altura do tempo significa certamente ter consciência da situação histórica que chegaram os povos que representam a humanidade, e a que chegaram também as ciências que estudam o humano; mas significa, também, estar consciente dos valores, das vigências e das crises.